VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM!

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Renata Porcellis
Kai Krause

Ano 2024

VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM!

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Renata Porcellis
Kai Krause

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos

Ficha Técnica

Título Original

Você Vai Se Arrepender De Levantar A Mão Pra Mim!

Violências De Gênero

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim! Violências de gênero / Renata Porcellis, Kai Krause. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2771-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.711242207

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+. 4. Orientação sexual. 5. Violência contra a mulher. I. Porcellis, Renata. II. Krause, Kai. III. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul – Nº 06/2018.

QUAL É A DIFERENÇA? SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

NO FINAL É TUDO DRAG: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM! VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS TRANSGENERIDADES

NÃO TEM CABIMENTO ESSA TAL GORDOFOBIA

ONDE VOCÊ ESCONDE SEU RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU! TUDO SOBRE SER GAY!

BEM-VINDA AO BREJO! UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL! MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

VULVA, MUITO PRAZER!

PRA COMEÇO DE CONVERSA

Não entra em pânico! Ninguém nasce sabendo tudo!

Violência não é *só* estupro ou agressão física. Estas são apenas as formas mais visíveis das agressões. **Existem inúmeras formas, explícitas e implícitas de atacar uma mulher, como as violências psicológica, simbólica, econômica e obstétrica.** Muitas vezes, essas violências invisibilizadas não são reconhecidas pelas vítimas, especialmente por serem praticadas por seus companheiros.

A violência contra a mulher é mais comum do que se imagina. Ela não conhece barreiras econômicas, sociais, étnico-raciais, etárias, religiosas ou culturais. Acontecem cotidianamente motivadas pelas desigualdades de gênero.

Todos os dias, inúmeras mulheres e meninas são submetidas a alguma forma de violência. Uma em cada três mulheres no mundo já sofreram violência em algum momento de suas vidas.

A banalização da violência contra as mulheres faz com que a sociedade pense que isso é *"normal"* e não faça nada quando se depara com uma situação de violência. As mulheres são um público de risco, porque além de terem seu corpo objetificado, ainda são culpadas pela violência que sofrem.

TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Violência de gênero: Crime passional ou feminicídio?

RELACIONAMENTO ABUSIVO

Identificar um relacionamento abusivo nem sempre é fácil. Geralmente as mulheres não sabem que estão em um relacionamento abusivo ou demoram a perceber, pois as atitudes podem ser confundidas com superproteção, como quando o namoro que inicia com carinho, cuidados e atenção se transforma em uma relação de controle e domínio sobre a mulher, repleta de proibições, julgamentos e limites, ciúmes doentios e brigas intermináveis.

Essas são pistas de um relacionamento abusivo! E vale lembrar que relacionamento abusivo, não acontece apenas em relações heterossexuais.

Os relacionamentos abusivos podem ser identificados por abuso verbal, emocional, financeiro, físico e sexual. Nesse tipo de relação, sentimentos como ansiedade, tristeza e baixa autoestima são muito comuns. Fique atenta!

1. ele/ela sempre te coloca pra baixo
2. ele/ela te faz sentir culpada
3. ele/ela faz você se sentir inferior
4. ele/ela te obriga a fazer sexo quando você não quer
5. ele/ela está sempre pedindo perdão
6. ele/ela não te deixa sair sozinha
7. ele/ela não respeita sua privacidade
8. ele/ela te proíbe de vestir certas roupas
9. ele/ela te proíbe de ver amigos e/ou família
10. ele/ela te obriga a excluir amigos de redes sociais
11. ele/ela tem ciúmes obsessivo
12. ele/ela diz que você não seria capaz de arranjar outra pessoa
13. ele/ela faz chantagem emocional
14. ele/ela faz você passar vergonha na frente dos amigos
15. ele/ela se aborrece por você dedicar tempo aos estudos/trabalho
16. ele/ela te magoa constantemente
17. ele/ela te agride

MAS POR QUE A VÍTIMA PERMANECE EM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO?

Pessoas que nunca sofreram abuso muitas vezes fazem essa pergunta. Para entender é preciso ter empatia com o sentimento da vítima. Necessitamos compreender que, muitas vezes, terminar pode ser mais complicado do que parece. Vamos tentar entender alguns motivos:

Medo: medo do que pode acontecer com o término do namoro. Ela pode não se sentir segura por já ter sido ameaçada.

Normalização: é mais comum do que parece acreditar que abuso é normal.

Exposição: em relacionamentos lésbicos entre jovens que estão iniciando a vida afetiva e sexual, quando ainda não assumiram sua sexualidade para família e/ou amigos, é comum ter medo de ser exposta.

Vergonha: é difícil admitir que foi vítima de abuso, pois o sentimento de ter feito algo errado causa vergonha da pessoa ser julgadas por amigos e familiares.

Baixa autoestima: se o/a namorado/a constantemente bota a vítima para baixo e a culpa por isso, é comum acreditar e pensar que ficará sozinha se terminar o relacionamento.

Esperança: normalmente a vítima permanece no relacionamento abusivo por ter esperanças de que seu namorado/a mudará.

Pressão social: pode ser difícil contar para seus amigos sobre o abuso, por medo de que ninguém acredite ou fiquem do lado do/a abusador/a.

Medo de não ser levada a sério: é comum que os adultos não levem a sério namoros de adolescentes, o que dificulta a vítima a procurar apoio de um adulto e o sentimento de que ninguém vai levar a sério seu sofrimento.

O QUE PODEMOS FAZER PARA AJUDAR?

Em primeiro lugar, NÃO JULGUE! Se você tem uma amiga que está em um relacionamento abusivo, apoie e ouça pacientemente o que ela tem a dizer. Diga que está preocupado/a com o bem-estar dela. Ajude-a a identificar características de um relacionamento saudável, assim ela poderá reconhecer os sinais de abuso em seu relacionamento. Mostre que não é normal um relacionamento abusivo e que não é culpa dela. Não fale com o agressor sobre isso, nem divulgue sua indignação sobre ele na internet, pois só vai piorar a situação da sua amiga.

COMO DENUNCIAR?

Você pode denunciar o caso por telefone através dos serviços de atendimento à mulher pelo número 180 ou utilize o aplicativo Clique 180. A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em todo o país.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Não é mimimi!

A violência simbólica é bem mais comum do que se pode imaginar. Ela está em praticamente todas as relações sociais: na linguagem, no cinema, em novelas, na mídia, nas músicas, nos ditados populares, nos noticiários, nas piadas, etc.

A violência simbólica concede poder aos meios de comunicação em reforçar estereótipos machistas que inferiorizam a mulher em relação ao homem. Dessa forma, as mulheres são objetificadas, desqualificadas, constrangidas, humilhadas.

NA PUBLICIDADE

A imagem da mulher é utilizada como uma estratégia de atrair o público masculino, objetificando seu corpo. Um exemplo clássico são os comerciais de cerveja, onde as mulheres são mostradas dando ênfase ao decote, ao olhar sedutor, à boca entreaberta, incitando a sensualidade, sexualizando e atribuindo à cerveja características socialmente reconhecidas como femininas. Dessa forma, o corpo da mulher está retratado nas propagandas para ser "consumido" assim como a cerveja.

NA MÚSICA

Essa violência se dá de forma escancarada, com letras que degradam e sexualizam a imagem da mulher, naturalizando violências ou reduzindo-as a estereótipos. Exemplo: "Loira Burra" (Gabriel, O Pensador), "Um tapinha não dói" (Bonde do Tigrão), "Ai! Que saudade da Amélia" (Ataulfo Alves), "Mulher não manda em homem" (Grupo Vou pro Sereno) entre TANTAS outras...

Uma mão no joelho e outra na consciência

EM PIADAS

Aqui a predominância é "humor" em relação a como as mulheres são loucas; à aparência; à inteligência; à objetificação; às sogras; a ex-namoradas; aos papéis de dona de casa. E ainda nos dizem que o problema não é a piada, é a falta de humor das mulheres! Ah, dá um tempo, vai!

Não aceite machismo disfarçado de piada

NOS DITOS POPULARES

Quem nunca ouviu essas frases: "Mulher no volante, perigo constante", "A única coisa que mulher sabe pilotar bem é o fogão", "Toda mulher gosta de um cafajeste", "Mulher esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque", "Essa é pra casar", "Quem estupra mulher feia merece um abraço", "O lugar onde as mulheres ficam mais excitadas é o shopping", "Nem todas mulheres gostam de apanhar, só as normais"? E por aí vai!

Senso do ridículo não é crack, pode usar.

EM PRODUTOS

Gente, 2024, né!! E ainda tem quem prepare detalhes de casamento bem machistas: plaquinha dizendo "Ainda dá tempo de fugir", "Foge não, ela tá linda"; abacaxi ou bomba para o noivo jogar para os convidados; e o clássico casal de bonequinhos do bolo - é noivo sendo arrastado, algemado, laçado, acorrentado, amordaçado, e a criatividade machista não para. A pergunta que não quer calar é: algum homem é obrigado a casar nesse planeta?

Procede?

NAS NOVELAS

Vish! Daí vamos longe! É cara com várias amantes, é cara que se casa com três mulheres e ainda fazem piada sobre isso, é cara que abusa da namorada, é rivalidade feminina sendo reforçada, mãe e filha que disputam o mesmo cara, romantização de relacionamento abusivo. E tudo termina na famosa cena do casamento e nascimento dos filhos, claro! Porque a mulher SÓ pode almejar essa "benção". Aff!

Nossinhora!

A violência simbólica é invisível e sutil e é o motor de todas as outras violências que reforçam relações assimétricas de gênero, preconceitos e estereótipos sexistas.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Shiiii, quietinha!

Geralmente, a violência psicológica em um relacionamento acontece de forma gradual e sem que a vítima perceba. Comportamentos como: humilhação, vigilância, ciúme constante, perseguição, desqualificação, chantagem e manipulação, configuram violências psicológicas.

Existem quatro palavrinhas que caracterizam bem esse tipo de violência:

mansplaining, gaslighting, manterrupting e bropiating.

Vamos dar uma olhada no que cada uma significa:

Sabe quando um homem explica didaticamente sobre algo para uma mulher, como se ela não fosse capaz de compreender, mesmo quando o assunto é tão óbvio que uma criança entenderia? Isso é mansplaining.

É quando um homem pressupõe que uma mulher não tem condições de entender algo apenas por ser mulher. Ou quando explica como você, a mulher, está errada a respeito de algo sobre o qual ela de fato está certa. Ou, ainda, quando um homem, para demonstrar conhecimento, apresenta dados incorretos sobre algo que a mulher conhece muito melhor que ele. Isso acontece muito sobre feminismo! Ou seja, mansplaining é o desmerecimento do conhecimento que uma mulher possui.

Não pode ver uma vergonha que já quer passar.

BAFÃO:

Véi, na boa, que vacilo

O termo foi cunhado através do livro “Os homens explicam tudo pra mim” de Rebecca Solnit, onde a autora conta, de forma descontraída, o episódio que aconteceu quando foi numa festa com uma amiga e um homem puxou assunto e começou discursar sobre um livro que ela PRECISAVA conhecer. Apesar da amiga, sem sucesso, tentar interromper o homem várias vezes o Sr. Muito Importante (como a autora o chamou) demorou até parar de explicar. Só então Rebecca pode dizer que o livro ao qual ele se referia, tinha sido escrito por ela!!!

GASLIGHTING :

Dai-me paciência

O termo gaslighting surgiu de uma peça teatral chamada Gas Light. Nesta peça um homem tenta convencer sua esposa e outras pessoas de que ela é louca. Para isso, ele se utiliza de uma série de artifícios para que ela acredite que enlouqueceu. O mais famoso, que deu origem ao título, era o escurecimento das luzes alimentadas por gás na casa do casal. Quando a mulher narrava o acontecimento, o marido insistia que ela estava errada e que sua memória estava prejudicada.

O termo é utilizado quando o homem distorce, omite seletivamente ou inventa informações para se favorecer, com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção da realidade e sanidade mental.

Gaslighting é uma forma de manipulação psicológica, opressão e controle da vida da mulher, levando a vítima e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz. **Frases clássicas de gaslighting:**

MANTERRUPTING

MAN (HOMEM) + INTERRUPTING (INTERRUPÇÃO)

Errou feio, errou rude

Lembra quando éramos crianças e tínhamos que levantar o dedo para falar e esperar sua vez na escola? O cara que pratica manterrupting, com certeza, não entendeu nada disso!

O termo se refere ao momento que uma mulher é desnecessariamente interrompida pelos homens ao seu redor, não conseguindo concluir suas frases ou argumentos. Esse comportamento é muito comum em debates, reuniões, rodas de conversa e até em sala de aula. Não se trata apenas de falta de educação, mas de uma prática machista que pretende silenciar as mulheres ou diminuir o valor das suas ideias.

Gente, qual a necessidade disso?

BROPRIATING

BRO (ABREVIAÇÃO DE BROTHER: IRMÃO) + APPROPRIATING(APROPRIAÇÃO)

Era sol que me faltava

É quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e leva o crédito pela proposta. Um exemplo muito comum disso é quando uma mulher se expressa, não é ouvida e, logo após, o homem fala exatamente a mesma coisa e é aplaudido. *Pópará, né, gente!*

Por que isso acontece? Porque em nossa sociedade patriarcal a mesma ideia dita por uma mulher e por um homem tem pesos diferentes; porque as mulheres são menos ouvidas e levadas a sério.

VIOLÊNCIA ECONÔMICA

Violência econômica consiste em destruir, vender ou apossar-se de objetos e documentos pessoais, reter parcialmente ou totalmente dinheiro e bens, assim como privar a vítima de trabalho remunerado.

Me tapei de nojo

Violências econômicas:

- reter salário e estipular uma mesada
- impedir acesso ao restante do dinheiro
- destruir bens pessoais como roupas, carro, móveis
- proibir o trabalho remunerado
- apropriar-se de cartão de banco e exigir as senhas
- realizar transações bancárias não-autorizadas
- confiscar ou destruir documentos pessoais
- ocultar a existência de bens
- recusar participar de gastos básicos da família
- negar pagamento de pensão alimentícia
- controlar certas compras

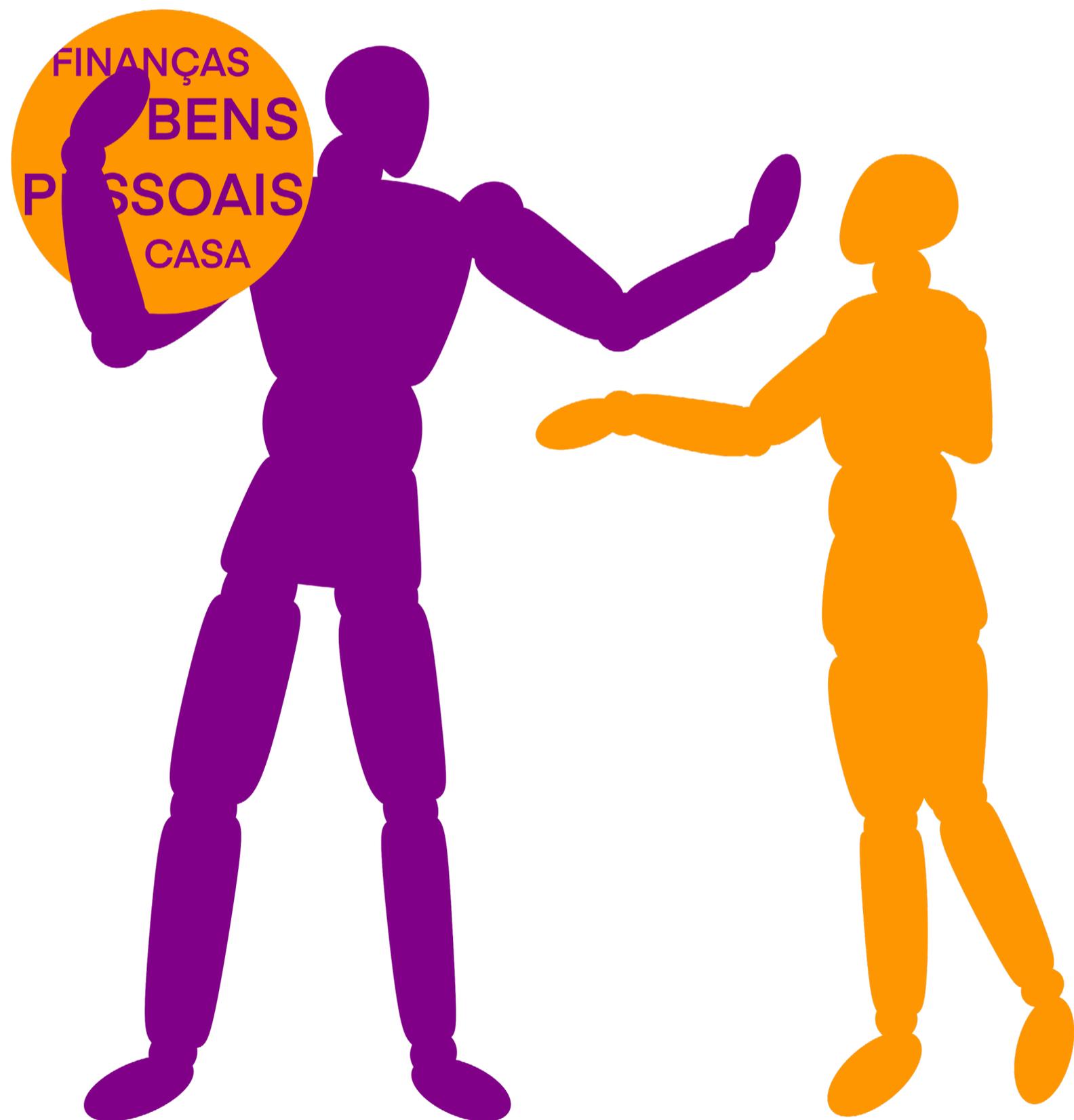
· Quanta audácia ·

As mulheres que vivem violência econômica, raramente percebem os prejuízos rapidamente. Como esse tipo de violência pode decorrer, em um primeiro momento, do livre arbítrio da mulher, é uma violência invisibilizada.

A violência econômica pode estar associada à violência física, quando a mulher fica fragilizada, insegura e com medo do agressor. Essa violência causa dependência e carência de segurança. Por isso, muitas vezes, mulheres que se encontram em relacionamentos abusivos, onde dependem

financeiramente do seu agressor, não conseguem sair dessa relação tóxica.

Em casos mais graves, a vítima pode ser privada de necessidades básicas, como alimentação e medicamentos.

Tô com ódio!

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Na hora de fazer, não gritou né?

Violência obstétrica se refere à violência física e/ou psicológica sofrida pela mulher pelos profissionais da saúde, através de tratamento humilhante, desumanizador, agressões verbais, recusa de atendimento, privação de acompanhante, abuso de medicações, realização de intervenções e/ou procedimentos médicos não necessários e sem consentimento durante a gestação, no momento do parto e do pós-parto ou no atendimento em situações de abortamento.

Tipos de violências obstétricas:

Tá certa a indignação!

Acompanhante - Toda mulher tem direito a um acompanhante na hora do parto assegurado pela Lei 11.108/2005. Negar um(a) acompanhante durante o trabalho de parto é crime!

Episiotomia - corte feito entre a vagina e o ânus, supostamente para facilitar a saída do bebê. Apesar da Organização Mundial da Saúde determinar critérios para o procedimento, ele é realizado de forma indiscriminada.

Ocitocina sintética - é um hormônio artificial conhecido como “sorinho”, dado para acelerar o trabalho de parto. Usado de forma indiscriminada, ele pode provocar sofrimento fetal e acarretar em uma cirurgia cesariana desnecessária.

Manobra de Kristeller - um profissional deita sobre a mulher em trabalho de parto e empurra a parte superior do útero para acelerar o nascimento do bebê. A técnica não é recomendada por causar lesões graves na mãe, como fratura nas costelas, deslocamento de placenta e hematomas. Os bebês podem sofrer traumas encefálicos. Apesar disso, 37% das mulheres são submetidas à essa técnica.

Tricotomia e enema - a raspagem dos pelos pubianos (tricotomia) e lavagem intestinal (enema) são procedimentos que não devem ser adotados rotineiramente.

Exame de toque - é um procedimento que não deve ser realizado a toda hora, especialmente durante o trabalho de parto, por ser doloroso e incômodo. O exame deve ser feito sempre com o consentimento da gestante.

Alimentação - A mulher tem o direito de se alimentar com comidas leves e líquidos à vontade durante o trabalho de parto. Porém, é comum privar a parturiente de ingestão de alimentos e líquidos, deixando-a em jejum por horas em trabalho de parto.

Cesária sem real indicação - agendar uma cesárea sem a real necessidade configura uma violência obstétrica.

Posição para parir - a mulher deve ter liberdade para se movimentar durante o trabalho de parto e escolher a posição mais confortável para parir. Apesar disso, muitas são obrigadas a se manter na posição de litotomia (deitada em posição ginecológica). Essa posição provoca dores mais intensas e pode provocar maior laceração do períneo.

Analgesia - toda mulher tem o direito de solicitar analgesia para diminuir as dores das contrações. A realidade dos hospitais públicos interfere nesse direito, pois muitas vezes, não dispõe de recursos medicamentosos e profissionais habilitados para o procedimento. Nesse caso, especialmente as mulheres negras e pobres são privadas desse direito, devido a ideia social de que mulheres negras são mais fortes, resistentes e por serem desumanizadas.

Contato pele a pele e amamentação - é direito da mulher segurar o bebê logo depois do nascimento e amamentá-lo. Apesar disso, muitas vezes o bebê é mostrado à mãe e levado direto ao berçário onde fica horas longe do colo materno.

VIOLENTÔMETRO

violência obstétrica em números

23%	25%	56%	90%
violência emocional	violência obstétrica	cesariana	episiotomia
Quase uma em cada quatro mulheres são vítimas de violência emocional durante a gestação ou parto.	Uma em cada quatro mulheres são vítimas de algum tipo de violência obstétrica.	O Brasil é o campeão mundial em cesarianas. Se observarmos apenas o sistema particular de saúde, o número sobe para 88%	A episiotomia tem indicação de ser usada em cerca de 10% a 15% dos casos e ela é praticada em mais de 90% dos partos naturais.

(Fonte: Fundação Perseu Abramo, 2010)

Ainda existem muitas violências cometidas contra as mulheres gordas, especificamente. Como a falta de estrutura adequada para atendimento a essas mulheres. Falaremos especificamente sobre a violência contra a pessoa gorda, a gordofobia, em outro livro.

COMO DENUNCIAR?

Você pode denunciar o caso por telefone através dos serviços de atendimento à mulher pelo número 180 ou utilize o aplicativo **Clique 180**. A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em todo o país. Você também pode fazer a denúncia através do disque saúde pelo número

136.

VIOLÊNCIA FÍSICA

A carne mais barata do mercado segue sendo a carne negra

Violência física é qualquer conduta que prejudique a integridade ou saúde corporal da mulher. Mas nem toda violência física é espancamento. Violência física também pode ser: ameaça física; empurrão; imobilização (com as mãos, corda, corrente), tapas, chutes e socos; arremesso de objeto; ameaça de morte; dano físico; uso de armas; tortura; mutilação; morte.

Existe um padrão extremamente agressivo em relacionamentos adolescentes. Nove em cada dez jovens afirmaram praticar ou sofrer violência no namoro. O motivo das agressões é quase sempre o ciúme e controle.

Em 2015, os casos de **feminicídio**s atingiram um número alarmante, 4.621 mulheres foram assassinadas no Brasil, ou seja 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres. É importante salientar que enquanto a mortalidade de mulheres brancas reduziu 7,4% entre 2005 e 2015, a mortalidade de mulheres negras aumentou 22% no mesmo tempo. Ou seja, 65,3% das vítimas de **feminicídio** são mulheres negras. Estes dados ainda são pouco realistas, visto que, apenas 11% das vítimas de agressão procuram a delegacia da mulher.

Em inúmeros casos, até chegar a ser vítima de uma violência fatal, as mulheres são antes vítimas de uma série de outras violências de gênero, como violência psicológica, patrimonial, física ou sexual. São essas violências que acabam por evoluir até chegar ao ponto do parceiro matar a vítima. Porém, elas servem como pistas e indicativos de perigo que, quando atentadas e denunciadas, podem salvar a vida dessas mulheres

Em 2015, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, foi sancionada a lei do **feminicídio** (Lei 13.104/15), que altera o artigo 121 do Código Penal e define o feminicídio como agravante do crime de homicídio.

A aprovação da lei do feminicídio é muito importante como reconhecimento do Estado perante uma violência específica contra mulheres, reconhecendo relações desiguais de gênero e tomando atitudes legais perante esse panorama social.

5º

O Brasil é o **quinto** país que mais mata mulheres no mundo!

VIOLENTÔMETRO

violência em números

arma de fogo	perfil do agressor	local da agressão	denúncias
257,5 mil mulheres são vítimas de tiros de armas de fogo por ano	61% conhecem o agressor	43% em casa	Apenas 11% das vítimas procuraram uma Delegacia da Mulher
44% foram disparados por marido/ namorado	19% são marido/ namorado	39% na rua	52% afirmam não ter feito nada após a agressão
A maioria eram jovens com renda familiar mensal de até 2 salários mínimos	16% são ex-marido/ ex-namorado	5% no local de trabalho	13% procuraram ajuda da família
	entre 35 a 44 anos os agressores conhecidos passam para 77%	5% no bar/ balada	12% procuraram ajuda dos amigos
		3% na escola/ faculdade	
		1% na internet	

(Fonte: Fundação Perseu Abramo, 2010)

COMO DENUNCIAR?

Você pode denunciar o caso por telefone através dos serviços de atendimento à mulher pelo número 180 ou utilize o aplicativo **Clique 180**. A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em todo o país.

VIOLÊNCIA SEXUAL

Fiu-fiu!

Coisas óbvias que ainda precisam ser ditas:

Beijo roubado não é romance, é ABUSO!

"Não" quer dizer NÃO!

Roupa, local ou horário não determinam consentimento!

Toda relação sexual precisa ser CONSENTIDA!

ESTUPRO não é sexo!

A culpa NUNCA é da vítima!

NINGUÉM merece ser estuprada!

Vamos pensar um pouquinho: se estupro fosse relacionado a roupas curtas ou decotadas, só existiriam vítimas no verão, certo? Mas não é o que acontece. Se estivesse relacionado com beleza, apenas mulheres dentro de um padrão estético estabelecido seriam vítimas. Também não ocorre assim. Se estivesse relacionado com mulheres "fáceis", crianças não seriam estupradas. Infelizmente isso ocorre. Se fosse relacionado com horário ou local, não haveriam vítimas dentro de suas casas. Se fosse relacionado com bebidas alcoólicas ou drogas ingeridas pelas vítimas, pessoas sóbrias não seriam violentadas, não é mesmo? Então me diz: de quem seria a culpa? Pois é, em qualquer um dos casos, a culpa é inteiramente do agressor.

Meu Deus, ele assobiou! Me segura que vou dar mole! Disse: ninguém

O que acontece é uma tolerância social às violências sofridas pelas mulheres, uma normalização do abuso, a culpabilização da vítima, a desconfiança de suas denúncias, a romantização do abuso no cinema, novelas e músicas. Nossa cultura está impregnada de objetificação e de exploração sexual das mulheres. Considerar tudo isso aceitável culmina no que chamamos de **cultura do estupro**.

Você já trocou de roupa por medo de ser assediada?

Só para ter uma idéia, uma mulher é estuprada a cada ***11 minutos***, sendo a maioria, mulheres negras. E essa estimativa é apenas uma parcela incrivelmente menor do que a realidade, porque ***apenas 11% das vítimas denunciam*** seus agressores! Outro dado importantíssimo é que aproximadamente ***98% dos agressores são homens***! E é bom lembrar: estupradores não são doentes, nem monstros. São homens, cientes de seus atos, que se utilizam de uma hierarquia de gênero.

Aquela ideia do estupro em um beco escuro, com um desconhecido te agredindo também foge a realidade. Não que isso não aconteça, mas ***70% das vítimas mora com seu agressor***. Como assim? Vou explicar melhor. Existem alguns casos bem específicos de estupro:

ESTUPRO MARITAL:

Quando o marido ou namorado estupra sua parceira. Sim, isso é possível! Em uma cultura machista, é comum que mulheres não reconheçam o sexo forçado ou induzido dentro do casamento como uma violência sexual. Isso pode acontecer por sentimento de obrigação, por se sentir pressionada, por exigência de práticas sexuais que a mulher não goste, por recusa do uso de preservativo, etc.

ESTUPRO CORRETIVO:

Acontece com lésbicas, assexuais e pessoas transgênero que são estupradas para "corrigir" sua sexualidade ou gênero. Mulheres lésbicas para "aprender" a gostar de homem, pessoas assexuais para "aprender" a gostar de sexo. Isso é, infelizmente, comum com travestis, que além de serem estupradas, são torturadas e mortas simplesmente pelo seu gênero.

ESTUPRO PAGO:

Ocorre em situação de exploração sexual, tráfico de mulheres, turismo sexual, pornografia e prostituição.

Já imaginou o que pode acontecer com uma vítima de estupro? Sabe quais as consequências que podem decorrer desse crime? São inúmeras e podem durar muito tempo:

- **lesões físicas**
- **gravidez**
- **contrair ISTs**
- **insônia**

- **dependência de remédios**
- **depressão**
- **crises de ansiedade**
- **suicídio**

- **alteração na concentração**
- **transtorno de comportamentro**
- **estresse pós-traumático**

O estupro é previsto no Código Penal - artigo 213.

VIOLENTÔMETRO

assédio em números

tipos de assédio	estupro	e os homens com isso?
Assediada por estar alcoolizada - 4%	**Vítimas**	78% concordam que as mulheres devem conhecer seus direitos e serem incentivadas a lutar por eles
Agarrada ou beijada à força - 5%	88,5% mulheres (51% negras)	78% não interferem em briga de casal ou interferem apenas se houver algum tipo de violência extrema
Assediada fisicamente em bar/ balada - 6%	11,5% homens	61% consideram que a mulher que se deixou fotografar também tem culpa quando um homem compartilha suas imagens íntimas sem autorização
Assediada fisicamente em transporte público - 10%	70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes, sendo 51,7% menores de 13 anos	27% acreditam que, em alguns casos, a mulher também pode ter culpa por ter sido estuprada
Cantadas no trabalho - 13%	**Agressores**	
Cantadas na rua - 36%	95,3% homens	
	1,2% mulheres	
	23% dos agressores de crianças são pai ou padrasto	
	28% dos agressores de adolescentes são amigos ou conhecidos	
	60% dos agressores de adultas são desconhecidos	
	70% dos agressores são familiares, marido/namorado ou amigos das vítimas	

(Fonte: DATAFOLHA/FBSP, 2017) / (Fonte:Sinan/Dasis/SVS/Ministério da Saúde, 2011)

VOCÊ SABE O QUE É REVENGE PORN OU PORNOGRAFIA DE VINGANÇA?

É uma prática mais comum entre os adolescentes. Envolve o vazamento de materiais íntimos na internet, imagens ou vídeos de outra pessoa sem o consentimento dela. Ocorre, na maioria das vezes, em função de rompimento de namoro e o menino (em 90% dos casos) divulga estes conteúdos com o objetivo de se vingar e humilhar publicamente a ex-namorada. Mas nem sempre isso acontece após um namoro. Pode ocorrer em relações curtas ou apenas encontros sexuais.

As consequências vão além do âmbito da moral. Superam cochichos, olhares, apontar de dedos e insultos. A vítima é sentenciada como criminosa e isso pode causar culpa, solidão, ansiedade, compulsões e até suicídio.

COMO DENUNCIAR?

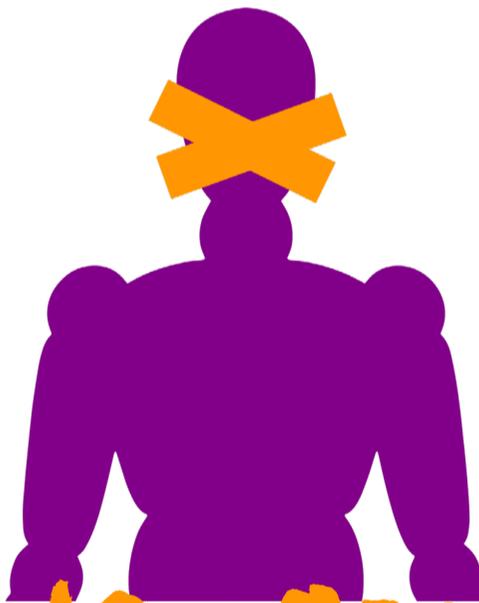
Você pode denunciar o caso por telefone através dos serviços de atendimento à mulher pelo número 180 ou utilize o aplicativo **Clique 180**. A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em todo o país.

NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Alguns (assustadores) números.

A CADA DIA

405

Mulheres buscam uma Unidade de Saúde por alguma violência sofrida.

Entre as mulheres que sofreram violência 52% se calaram.

11%

procuram uma delegacia da mulher

13%

preferiram o auxílio da família

10%

levaram pelo menos um tiro

10%

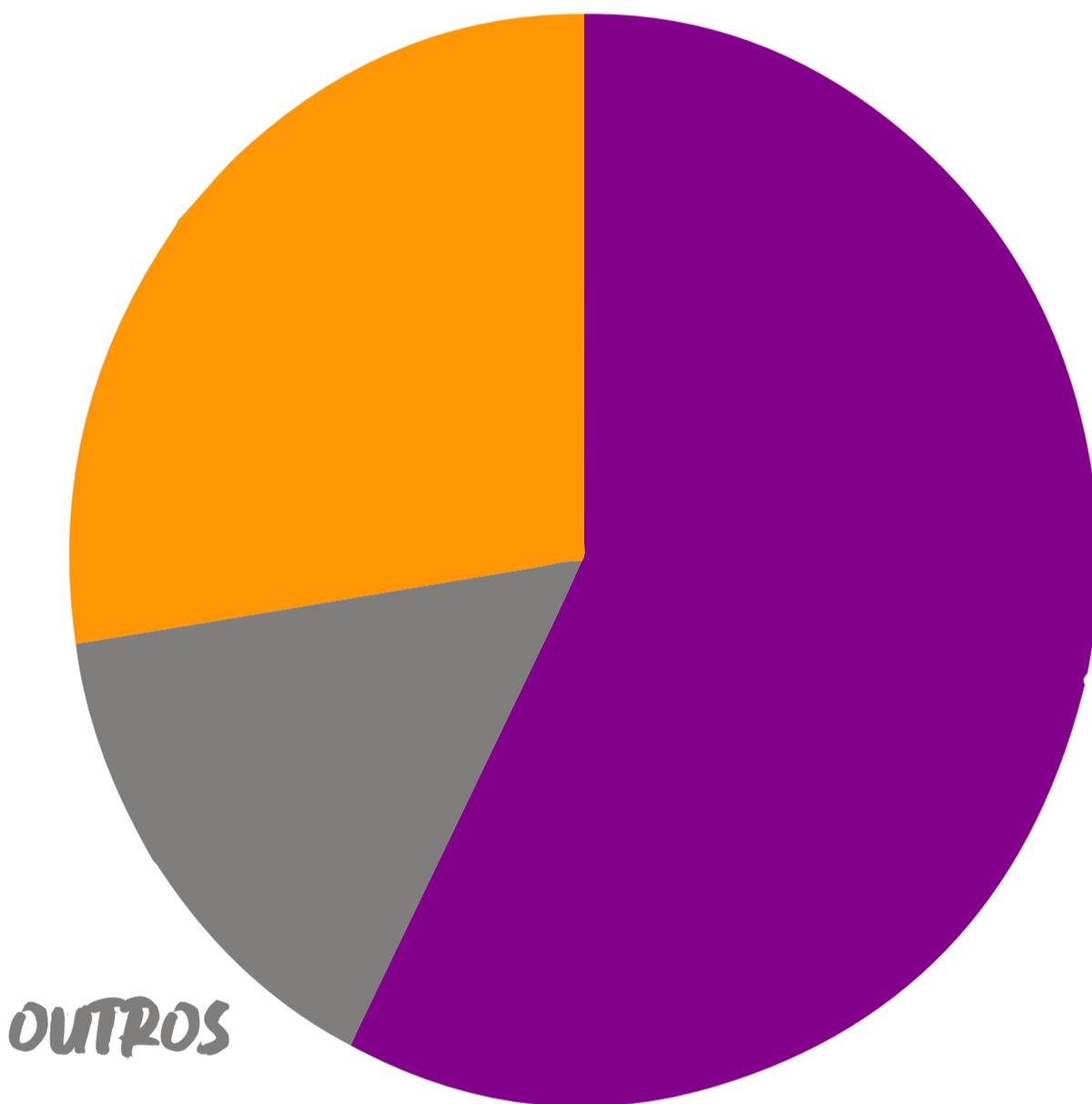
sofreram ameaças de violência física

8%

sofreram ofensas sexuais

Pesquisa feita pelo Datafolha

Do total de denúncias de violência doméstica:

OUTROS

57,5%

VIOLÊNCIA FISICA

Fonte: Central de Atentimento da Mulher -180

DOS AGRESSORES:

61%

dos casos o agressor é um conhecido

16%

eram ex-companheiros

19%

das vezes eram os companheiros atuais das vítimas

Pesquisa feita pelo Datafolha

CAÔ X FATO

Tem fundamento isso?

Você já ouviu alguma dessas frases? Elas podem parecer inofensivas, só um dito popular, mas elas contribuem para a propagação e naturalização da violência contra as mulheres. Vejamos algumas frases que você pode estar tirando do seu repertório.

"Em briga de marido e mulher, não se mete a colher"

METE SIM, denuncia, liga pro 180, faz barraco no portão e acolhe essa mulher na própria casa se for necessário! Violência doméstica não é problema de relacionamento, é crime! Quem se cala numa situação dessas, está defendendo o agressor e permitindo o sofrimento de uma mulher. Quando ouvir sua vizinha apanhando, ligue pra polícia, converse com ela e ajude ela a sair desse relacionamento.

“Foi um crime passional”

Crime passional é quando o agressor comete o crime “por paixão”, matando uma companheira ou ex-companheira por estar “doente de amor”. A questão é que a motivação do crime não é “paixão” ou “amor” e sim, a ideia de que a companheira desse homem é seu objeto de posse e, portanto, não tem o direito de terminar a relação. Quando um homem mata uma companheira ou ex-companheira isso não é crime passional, é **feminicídio**! Ele mata essa mulher por achar que é superior e por uma sociedade machista que o autoriza a fazer isso e não mede esforços para minimizar o caso. Amor não mata, amor não machuca, amor não torna uma pessoa um objeto de posse.

“Mulheres gostam de apanhar”

Gente, não sabemos nem o que dizer sobre isso! Na verdade, sabemos sim. Não existe mulher que gosta de apanhar, existe mulher que tem medo de perder a guarda dos filhos caso se separe, existe mulher que não tem dinheiro pra sair do relacionamento porque é abusada financeiramente pelo companheiro e existe mulher que sofre pressão externa para engolir as agressões pelo bem da sua família. Violência doméstica é crime!

“Mas ela deve ter feito alguma coisa pra que isso acontecesse”

Se a gente precisar repetir mil vezes até que isso seja entendido, nós vamos repetir que a culpa não é da vítima e que não importa a roupa que ela esteja vestindo, onde e em que horário ela estava na rua, se tinha ou não ingerido bebida alcoólica, o que fez ou deixou de fazer: nada justifica um estupro! A cultura de culpabilização da vítima faz com que o crime do agressor seja minimizado e com que a vítima se sinta culpada pela violência sofrida, ficando em silêncio sobre o que aconteceu, sentindo vergonha e medo do estigma que vai sofrer. Por isso acaba não fazendo um boletim de ocorrência. Pare de colocar a culpa na vítima e comece a exigir justiça. O agressor é o verdadeiro culpado e, na maioria das vezes, não sofre qualquer tipo de punição e volta a cometer outros tipos de violência.

“Ciúme é prova de amor” / “Ter um ciuminho faz parte”

Estamos acostumados a romantizar, banalizar e justificar o ciúme como uma forma de demonstração de afeto ou insegurança. Mas, controlar as pessoas com quem você conversa, fazer chantagem emocional pra você não ir a algum lugar sem ele, mandar você trocar a roupa que você está vestindo porque está muito vulgar, não são sinais de que ele te ama, são sinais de que esse relacionamento é abusivo e ele está te privando de viver a sua vida. Amor não controla, amor respeita e incentiva você a ser a melhor forma de você mesma, do jeito que é. Ele não é ciumento porque te ama, ele é ciumento porque acha que você é propriedade dele.

“Ele te bateu porque gosta de você e não sabe dizer”

Essa frase, além de ser mentira, faz com que meninas cresçam acreditando que violência faz parte do amor e aceitem serem agredidas pelos companheiros. Ensinem as meninas que violência não é amor e protejam elas de futuros casos de violência doméstica. E ensinem os meninos que eles não podem bater nas meninas (nem em ninguém). Ensinem eles a respeitar e expressar seus sentimentos de uma forma saudável: com palavras e atitudes que façam bem para a outra pessoa.

Histórias pra não esquecer nunca mais.

SINDICATO DAS DOMÉSTICAS

Vamos te contar a história de uma mulher revolucionária: Laudelina de Campos Melo ou "Dona Nina" como era conhecida.

Dona Nina, mulher preta e mineira, começou a trabalhar como doméstica aos 7 anos de idade, como meninas ainda hoje. Passou a infância sendo explorada e sofrendo racismos e machismos escrachados pelos patrões. Isso fez com que Dona Nina comprasse a briga contra as violências sofridas pelas mulheres pretas. Com 16 anos começou a atuar em movimentos e organizações de mulheres negras e, com 20 anos, entrou para a Frente Negra Brasileira como ativista política.

Em 1936, criou a Associação de Empregadas Domésticas e atuou durante seis anos na luta pelos direitos da categoria, até o fechamento da associação em 1942 pelas repressões do Estado Novo. É claro que ela não desistiu: em 1961, na cidade de Campinas, Dona Nina criou a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, onde seguiu a luta pelos direitos das empregadas domésticas, que não eram amparadas pelas legislações trabalhistas. A defesa dos direitos das domésticas e a atuação na mediação das

relações com as empregadoras fez com que Dona Nina ficasse conhecida como "O Terror das Patroas" e inspirou a criação de associações de domésticas no Rio de Janeiro e em São Paulo. O trabalho de Dona Nina e das associações fez com que, em 1988, fosse fundado o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, que ampara a categoria composta por 79% de mulheres pretas. Dona Nina também passou 30 anos atuando junto a universidades brasileiras e, um pouco antes da sua morte em 1991, foi eleita chefe do Departamento de Sociologia da PUC-RJ.

Incrível, né? Laudelina passou 70 anos da sua vida lutando pelos direitos das domésticas e conseguiu mexer nas estruturas racistas e causar incômodo na branquitude. As conquistas da sua luta (e de todas que ficaram ao seu lado), garantiu que hoje as empregadas domésticas sejam reconhecidas com Carteira de Trabalho assinada e tenham direito assegurado à Previdência Social.

Ainda há muita luta pela frente para garantir humanidade para as domésticas que seguem sofrendo abuso, machismo e racismo nas casas onde trabalham. Luta que segue sendo travada, por exemplo, pela Preta Rara, que criou a página "Eu, empregada doméstica" que publica denúncias de mulheres que trabalham como domésticas e sofrem tratamentos abusivos. Nas palavras dela, "a senzala moderna, é o quartinho da empregada" e, enquanto vivermos o mito da democracia racial, é preciso levantar o tapete da família tradicional brasileira e mostrar que a escravidão ainda não acabou.

Mas, fique tranquila, Dona Nina, sua luta segue viva.

HISTÓRIA DE MARIA DA PENHA

Todas nós conhecemos a Lei Maria da Penha, que pune os casos de violência doméstica no Brasil. Mas você conhece a história de Maria da Penha Maia Fernandes?Maria da Penha tem uma história dolorosa e violenta, que alertou o governo brasileiro sobre o problema da violência doméstica.

Maria se casou pela primeira vez aos 19 anos, mas se separou do marido, pois ele queria impedir que ela estudasse e trabalhasse. Mudou-se então para São Paulo para fazer pós-graduação na USP, onde conheceu Marco Antônio Viveros, professor da universidade que viria a se tornar seu marido.

Casada e trabalhando como farmacêutica, levou uma vida estável e teve três filhas, até as coisas começarem a dar errado. O marido, antes amoroso e prestativo, começou a ter um comportamento agressivo e abusivo com ela e com as filhas. As agressões verbais viraram agressões físicas, e foram crescendo e se tornando cotidianas e extremas. Em 1983, as agressões resultaram em um tiro de espingarda disparado pelo marido enquanto ela dormia. O episódio a deixou sem o movimento das pernas e quatro meses hospi-

talizada entre cirurgias e tratamentos. Em um depoimento feito para a polícia, Marco contou que bandidos armados invadiram a casa e atiraram contra sua mulher, mas os relatos foram incoerentes e a investigação apontou Marco como autor do crime. Após a saída do hospital e volta de Maria para sua casa, novamente sofreu outra tentativa de assassinato. Desta vez, eletrocutada pelo marido durante o banho.

Com três filhas pequenas de 6, 5 e 1 ano de idade e numa cadeira de rodas, Maria da Penha conseguiu uma ordem judicial para sair de casa sem que fosse considerado abandono de lar e sem arriscar perder a guarda dos filhos. Começou então a travar uma longa batalha para punir o marido, conseguindo a primeira condenação pelos crimes apenas oito anos depois, em 1991. Marco, porém, não foi preso.

Inconformada, Maria lançou em 1994 seu livro “Sobrevivi... Posso contar”, onde relatou as agressões sofridas pelo marido. A publicação de seu livro fez com que o caso tivesse alcance nacional e internacional. Quatro anos depois do lançamento, o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL-Brasil) e o Comitê Latino-Americano do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM-Brasil) encaminharam uma petição sobre o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Em 2001 a OEA emitiu um informe responsabilizando o Estado brasileiro por negligência, omissão e tolerância com a violência doméstica no Brasil. Então, 20 anos depois do caso ter acontecido, Marco finalmente foi preso. Infelizmente só cumpriu dois anos da pena na prisão e passou a um regime semiaberto.

O caso de Maria da Penha resultou, em 2006, na criação da lei contra a violência doméstica no Brasil, que recebeu seu nome. Apenas a Lei Maria da Penha não resolve o problema da violência doméstica no nosso país, onde 10.800 pessoas são vítimas todos os dias, mas ajuda a punir os agressores e evita histórias como a de Maria, que teve de lutar por 20 anos para conseguir uma punição –

que, além de tudo, foi ineficiente.

Mas não se preocupe Maria, você também não está só, sua luta segue em frente e seu nome entrou para a história, nada será em vão.

Quer mudar esse rolê? Cola nessas dicas

Que tal começar a mudar essa realidade violenta com atitudes simples?

Sabe a expressão "uma mão no joelho e outra na consciência". Pois é, está na hora de colocar as **duas na consciência.** Não escute músicas que objetificam e/ou hipersexualizam as mulheres.

E aquela piadinha machista inofensiva que seu amigo costuma contar? Quer corrigi-lo e não sabe como? Faça sua melhor cara de sonso, finja que não entendeu e peça pra ele **explicar qual é a graça.**

Pensa naquele **artista fantástico**, que tem um trabalho incrível, mas bate na mulher, assedia as colegas, estupra meninas no camarim. Então, ele não é incrível. Enquanto a gente seguir assistindo filmes/séries protagonizados por eles, estamos pagando os advogados que defendem esse agressor.

Pode dar em cima de alguma menina que você achou interessante? Pode. Mas se ela disser não, não insista! Respeitar um não é mais fácil do que parece, é só não ser chato (nem machista)!

Ninguém reclama de machismo por esporte. Então, quando uma menina diz que sua atitude **é machista**, escute. Ao invés de se ofender, pergunte e tente entender. Afinal, se você não procurar saber porque foi machista, não poderá mudar esta atitude.

Porque ninguém é um dicionário, não é mesmo?

* **Cultura do estupro-** O termo tem sido usado desde os anos 1970 para apontar comportamentos sutis ou explícitos que naturalizam a violência sexual contra a mulher.

* **Feminicídio-** assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade de gênero.

* **Lei Maria da Penha-** Lei 11340/06 | Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Esta lei, sancionada pelo então presidente Lula, cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Nesta lei, entende-se por violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

* **Lei do Feminicídio-** Lei 13104/15 | Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Prevê o feminicídio como um tipo de homicídio qualificado e incluído no rol dos crimes hediondos: casos de violência doméstica e familiar ou menosprezo e discriminação contra a condição de mulher com pena que vai de 12 a 30 anos. O agravante pode aumentar de ⅓ até metade da pena.

* **Código Penal/Art. 213-** Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

Outros jeitos de usar o Google.

FILMES

Confiar

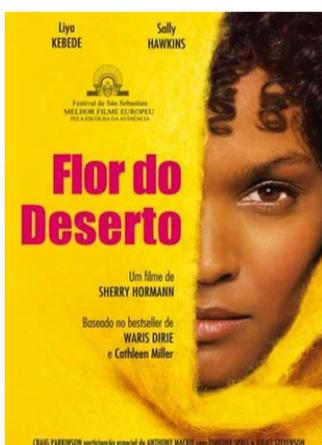
2010

Direção: David Schwimmer

Sinopse: Will e Lynn têm três filhos. Enquanto um está prestes a entrar para a faculdade, a filha do meio, começa a apresentar os sintomas comuns das adolescentes que querem se parecer mais velhas e ser aceitas entre seus pares. Publicitário bem sucedido e super envolvido com a profissão, Will procura ter uma relação de confiança com os filhos, mas Annie inicia um relacionamento no computador com um jovem de 16 anos e dá continuidade através do telefone.

Flor do Deserto

2009

Direção: Sherry Hormann

Sinopse: Waris Dirie nasceu em uma família de criadores de gado nômades, na Somália. Aos 13 anos, para fugir de um casamento arranjado, ela atravessou o deserto por dias até chegar em Mogadishu, capital do país. Seus parentes a enviaram para Londres, onde trabalhou como empregada na embaixada da Somália. Ela passa toda a adolescência sem ser alfabetizada. Quando vê a chance de retornar ao país, ela descobre que é ilegal da Somália e não tem mais para onde ir.

Preciosa - Uma História de Esperança

2009

Direção: Lee Daniels

Sinopse: 1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó.

O Quarto de Jack

2015

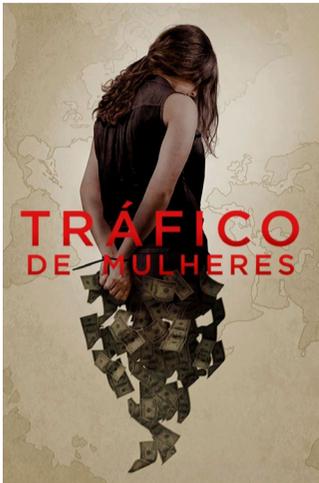
Direção: Lenny Abrahamson

Sinopse: Em O Quarto de Jack, Joy e seu filho Jack vivem isolados em um quarto. O único contato que ambos têm com o mundo exterior é a visita periódica do Velho Nick (Sean Bridgers), que os mantém em cativeiro. Joy faz o possível para tornar suportável a vida no local, mas não vê a hora de deixá-lo. Para tanto, elabora um plano em que, com a ajuda do filho, poderá enganar Nick e retornar à realidade.

Tráfico de Mulheres

2017

Direção: Will Wallace

Sinopse: Após serem traficadas através de uma elaborada rede global de tráfico de pessoas, órgãos e drogas, três meninas acabam em um bordel no Texas como escravas sexuais. Elas juntam suas forças para tentar escapar e reconquistar sua liberdade.

Ferrugem

2018

Direção: Aly Muritiba

Sinopse: Assim como a maioria dos adolescentes, a jovem Tati ama compartilhar sua vida nas redes sociais e registrar todos os momentos. Porém, após perder o inseparável celular, ela se vê vítima da criminosa divulgação de seus registros íntimos no grupo de WhatsApp da turma do colégio, o que gera terríveis consequências.

9

NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Materiais que visitamos para montar esse livro com todo amor <3

AUN, Heloisa. **Maria da Penha, uma mulher que sobreviveu na luta: A farmacêutica sofreu duas tentativas de homicídio e lutou durante 19 anos e 6 meses para colocar seu agressor na prisão.** 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/maria-da-penha-uma-mulher-que-sobreviveu-na-luta/> Acesso em 27 nov 2018.

BENNETT, Jessica. **Clube da luta feminista: um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista).** Tradução de Simone Campos. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2018.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde. Brasília: Ipea, 2014.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf> Acesso em 24 abr 2018.

FBSP/DATAFOLHA. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil.** 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-
pesquisa-vs4.pdf> Acesso em 23 de abr 2018.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO/SESC. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado.** 2010. Diponível em: <http://apublica.org/wp-content/uploads/2013/03/www.fpa_.org_.br_sites_default_files_pesquisaintegra.pdf> Acesso em 27 jul 2018.

GROSSI, Patrícia Krieger (org). **Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber.** 2a. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

IPEA/FBSP. **Atlas da Violência 2018.** Ipea e FBSP, 2018. Disponível em: <https://multimidia.gazetadopovo.com.br/media/info/2018/201805/atlas_da_violencia_2018.pdf> Acesso em 18 de jul de 2019.

LIRA, Manuela e VELOSO, Ana. A **Violência Simbólica da Mídia contra a Mulher. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, PE**. 2008. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/.../R3-0536-1.pdf> Acesso em 23 abr 2018.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (org). **Feminicídio: #invisibilidadedemata.** São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: <https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2017/03/LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf> Acesso em 23 abr 2018.

RODA VIVA. **Maria da penha: 26/11/2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q8GBVKrU6L0> Acesso em 27 nov 2018.

TED X TALKS. **Eu empregada doméstica.** Preta Rara. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo> Acesso em 27 nov 2018.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (orgs.). **Mulheres Brasileiras e gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013.

SOBRE AS AUTORAS

É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

Este livro digital foi escrito e
produzido entre
2018-2024.

Utilizou as fontes da família
Gotham, Black Rider e MV Boli.